

## MIRAGEM, DE COELHO NETO

Publicado em 1895

### PRIMEIRA PARTE

#### Capítulo Primeiro

Maio, em flor, findara entre lágrimas.

A casa do Madruga, silenciosa e fechada, parecia entregue ao tempo e às ervas que começavam a cobrir os muros. O jardim murchava à falta de rega e de trato e cabras errantes, atravessando a cerca de espinhos, andavam pelos canteiros, devastadoramente, roendo os brotos das roseiras, arrancando as mudas tenras. Porcos fossavam a terra descobrindo as raízes e os pequenos, de parceria com os animais, assaltavam o pomar devastando as árvores como uma praga.

A família emigrara para o Pati, onde a viúva fora esconder a sua tristeza e o seu luto, não podendo suportar a saudade do marido ali, entre as árvores que ele plantara, esbarrando com os objetos de que ele se servira. No dia seguinte ao do enterro, à luz bruxuleante da manhã brumosa, saiu o pequeno grupo num carregão coberto de palha e, desoladamente, com o agudo chiar das grandes rodas, ao passo grave dos bois, lá se foram os três - a viúva e os dois filhos: Tadeu e Luísa.

Tadeu, homem feito, mas enfermiço e fraco, sem vigor para o trabalho dos campos, vivia como caixeiro em uma venda no alto do Rio Bonito. Luísa, sadia e graciosa, já púbere, de carnes exuberantes, colo rijo, lindas cores, amadurecia agarrada à mãe, bordando letras em lençarias, fazendo panos de crochê ou correndo as terras de casa, descalça, os cabelos soltos, à cata de frutos silvestres.

O morto, belo tipo de homem, nascido para mourejar, pletórico, de constituição formidável e primitiva de colosso, soberbos músculos, saúde de ferro, vivera em luta constante pela vida. Corria a tudo, de tudo entendia. Às vezes viam-no passar carreando, vara ao ombro, descalço, amplo chapéu de palha à cabeça, o casaco pendurado num fueiro do carro. Diziam-lhe graças, respondia, sempre de bom humor: “Cá se vai!” E gritava, afalava à junta em voz cheia e reboante. Outras vezes aparecia tangendo tropas de muares, vendia-os, trocava-os, sempre alegre e à boca pequena dizia-se que ele comprava clandestinamente o café que os negros roubavam às tulhas das fazendas. Se lhe falavam nisso, dava de ombros, arregalando os olhos:

- Homem, olhem que é negócio! Achasse-o eu...!

E escancelava a boca em cachinada estrondosa. E os outros riam com ele.

Era um sólido másculo, de alma ingênua e meiga. Português, do Ribatejo, criado na lezíria, amava o campo. A sua mesa era abundante. Havia sempre um quinto ao torno e a despensa regurgitava como um celeiro, porque para ele a vida “era o que se comia e bebia”. A família, se não ostentava, aparecia sem miséria em toda a parte. Às festas do Rosário e da Conceição, Luísa concorria com a sua prenda e, uma ou outra vez, alumiam os altares círios oblativos da família Fogaça, que o homem era de muita crença e valia-se dos santos para todos os fins: para que os milhos crescessem, para que não lhe viesse o mal do fígado, pela saúde da mulher, pela asma do filho, pelo noivado da filha de que já se falava, correndo que certo Manuel do Carmo, de Ferreiros, andava a corresponder-se com ela, misteriosamente, pelo Vassourense.

O filho era o sentimento do velho: sempre doentio e magro. Vinham-lhe, às vezes, acessos de febre, ânsias, e ficava de cama semanas e semanas. Sempre que falava dele contraía-se-lhe o rosto e, sacudindo a cabeça, cheio de desesperança e de mágoa, resmungava:

- Não vai longe! E tinha por ele misericórdias de afeto, fechava os olhos a muita coisa. Pobre rapaz! É um coitado! Que se há de fazer? Deixá-lo. Há de ser o que Deus quiser.

A mãe, mais ríspida, revoltava-se:

- É um preguiçoso, um molenga, um vadio!

E, se Manuel Fogaça acenava-lhe que deixasse, agourava rezinguenta:

- Que ele havia de dar o pago, o marmanjo. Metade do que ele dizia era manha. Fosse-lhe atrás das lamúrias e havia de ver.

Uma tarde achava-se o velho no jardim, de camisa de meia e tamancos, regando os canteiros, quando o filho apareceu à cancela, sacudido por uma tosse rouca. Fogaça voltou-se e logo, alarmado, exclamou:

- Que é isso?! Já aí vens deitando a alma pela boca. Tadeu encolheu os ombros e entrou devagar, cansado, dizendo o que, até então, tentara ocultar:

“Noites em claro, com o peito ardendo em fogo e aquela tosse horrível que lhe rebentava os pulmões em sangue. De manhã estava que nem podia e tinha de ir para o balcão, servir aos fregueses carregando pesos”.

Fogaça ouviu-o calado, por vezes caramunhando, de olhos úmidos. Por fim tomou-lhe o pulso e, encarado nele, disse baixinho: - Estás quente, rapaz. Estás com

febre. Entra. Vai deitar-te. Não fiques aqui ao relento. Vendo, porém, que o filho hesitava, com olhares à casa, já alumiada:

- Medo da velha, hem? E sorriu. Deixa-a lá. Estás doente, que diabo! ... Quem sabe se hás de ir para a Misericórdia se tens a casa de teus pais. Era o que faltava... Trata-te e depois... Maria Augusta ao ver o filho, estacou de mãos nas cadeiras, olhos carregados, balançando ameaçadoramente o busto:

- Deixa-o, mulher. Não aumentes a aflição ao aflito. Está a arder em febre. Basta ver-lhe a cara. E lá foi conduzindo, enxugando-lhe a testa com o seu grande lenço vermelho. E interrogava-o: Não tens fome? Pois é preciso comer e ter cuidado contigo - nada de umidade: É deitar a horas, acordar cedo, apanhar sol nesse corpo e deixar andar o barco. Hás de tomar jeito. És moço, que diabo! ... Na tua idade a natureza ajuda. Com uns chás, boas sopas e regime isso vai-se embora e ficas aí um turuna, hás de ver.